



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

## DESAFIOS DE UMA PRÁTICA FILOSÓFICA NO ENSINO MÉDIO

Romero Pereira Nunes  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: rfvca@hotmail.com

Adenaide Amorim Lima  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: adenaideamorim@gmail.com

Edna Furukawa Pimentel  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: furukawa\_loanda@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

Como se desenvolve a prática docente no ensino da filosofia? Responder esta questão é o objetivo deste texto fruto da experiência dos seus autores junto ao PIBID de Filosofia da UESB em uma turma de primeiro ano do curso Técnico em Alimentos na unidade escolar Centro Estadual de Educação Profissional em Saúde Adélia Teixeira, situada na cidade de Vitória da Conquista/BA.

De acordo com Aspis (2004) o ensino da filosofia exige certas peculiaridades no exercício docente devido à própria natureza da disciplina que é aberta e inacabada. Esse inacabamento, de acordo com a autora, avivaria a prática docente dando-lhe um caráter filosofante com maior dialogicidade. Por esta razão defendemos que o ensino da filosofia seja ao mesmo tempo um ensinar a filosofar.

Salientamos que não é importante somente *o que* se ensina na filosofia, mas também *o como* se ensina. Desse modo, a prática docente deve estar em consonância com uma abordagem investigativa, estimulando o espírito crítico do estudante, para além da transmissão de conteúdos filosóficos, levando-o a construção autônoma do conhecimento por meio do exercício consciente do pensamento.

Sabemos que o ensino da filosofia se dá mediante condições pouco indefinidas no Brasil, essa problemática tem levado à práticas também indefinidas, cabendo muitas vezes ao professor à definição daquilo que os estudantes podem e devem aprender.

### METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um estudo qualitativo cujos dados foram construídos a



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

partir da entrevista semiestruturada, da observação em sala de aula e análise do plano de curso da disciplina. A análise da entrevista se desenvolveu na perspectiva da *Análise de Conteúdo* de Laurence Bardin (2016). Nesse processo não apenas os dados, mas também o contexto em que eles foram produzidos, a relação do pesquisador com aquilo que ele propõe a pesquisar, os objetivos e a forma de inferência são levados em conta.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Identificamos no plano de curso de Joana<sup>1</sup> que ela estrutura o conteúdo por temas, levando em consideração a pouca quantidade de aulas para o número de temas os conteúdos acabavam sendo trabalhados de forma aligeirada e superficial, sem dar tempo para que os estudantes assimilassem, refletissem e fizessem relações com os outros conteúdos apresentados, com outras disciplinas e com o seu cotidiano. O que, a nosso ver, ocasionou um distanciamento entre professora, estudantes e o conteúdo, indo na contramão do que a abordagem de conteúdos por temas propõe.

O *tematismo* tem como característica a exposição dos conteúdos a partir de temas filosóficos, muitas vezes esses temas podem partir dos próprios alunos, uma forma de tornar as aulas mais interessantes e dinâmicas. Esse método também dá maior liberdade e autonomia ao professor na medida em que torna a aula mais dialogada ao tratar filosoficamente até mesmo um assunto do cotidiano.

Em relação ao ensino da filosofia na instituição em que trabalha, Joana entende que cada ano do ensino médio ela tem um papel específico. Logo, o ensino da filosofia tem como objetivo formar “alunos pensantes, principalmente no primeiro ano [...]”. Então, o papel [da filosofia] no primeiro ano é isso, é desempenhar nessa questão mais geral, instigar o aluno, essa iniciação à filosofia”.

Para atingir o objetivo do ensino da filosofia no primeiro ano do ensino médio Joana diz que busca fazer “com que o estudante seja autônomo, que ele tenha capacidade de fazer uma pesquisa, de analisar, chegar à conclusão de algo que ele pesquisou”. Ela enfatiza ainda que não vê de forma positiva uma prática em sala em que o professor opta por “ficar ali com aquele desfile de ideias”.

Nesta fala captamos uma questão que havíamos identificado durante nossa observação, Joana valoriza a atitude filosófica, porém em sala de aula ela espera que

<sup>1</sup> Nome fictício da professora de filosofia sujeito de nossa pesquisa.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

essa atitude parta dos estudantes mediante as atividades que ela propõe só que essa atitude filosófica não acontecia e nem vimos como isso poderia acontecer mediante o desenvolvimento das atividades propostas desarticuladas com o filosofar.

Para que a atitude filosófica se concretize acreditamos que deva haver um contexto dialógico propício. Primeiramente, essa atitude deve partir do professor mediante o conteúdo, a forma de exposição levando-se em conta o público específico que ele irá se dirigir. O professor deve tentar ensinar “esse olhar agudo [...], essa atitude radical que permite problematizar as afirmações ou colocar em dúvida aquilo que se apresenta como óbvio, natural ou normal” (CERLETTI, 2009, p. 29).

Mas Joana está ciente de que a prática filosófica só se realiza “nesse momento [...] onde você é capaz de despertar no aluno essa curiosidade, essa vontade de falar, de participar, de dar a sua opinião. Mesmo que [...] essa opinião ainda não formou um conceito”. Mas Joana confessa: “é difícil você provocar isso no aluno”.

Entendemos que essa dificuldade confessada por Joana está relacionada com a concepção que ela tem dos seus estudantes. Joana diz que uma das grandes dificuldades em ensinar filosofia são justamente a imaturidade, a resistência e o desinteresse dos seus estudantes em relação à disciplina.

Logo, percebemos na fala de Joana uma grande lacuna entre a sua concepção de ensino de filosofia e a realidade em sua sala de aula, e isso está relacionada com a concepção que ela tem dos seus estudantes, afetando diretamente na forma como ela se relaciona com eles e desenvolve a sua prática.

Mas Joana diz que procura meios para chamar à atenção do estudante para a filosofia de algum modo. Por isso ela conta que sempre procura formas mais dinâmicas para tratar dos conteúdos da disciplina de filosofia. Para Joana, “é aquela questão de todos os momentos você ter que mudar as estratégias. Será que isso que eu estou usando está dando certo? O que eu posso fazer? É o desafio”, segundo ela.

Durante esse tempo de observação só acompanhamos uma aula expositiva com apresentação de slides, a falta de sucesso levou a professora a desistir logo dessa metodologia, conforme ela mesma desabafa: “o professor [...] não vai querer chegar na sala de aula e estar ali falando e o aluno ficar olhando para um lado e outro. [...] A gente sempre quer atenção e tal”.

As aulas seguintes se resumiram basicamente em responder exercícios em grupo,



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

seja relacionado a algum texto que Joana trazia xerocado, ou textos do próprio livro didático, mas sem antes a professora fazer uma leitura prévia dos textos com os alunos ou dar uma explicação tirando dúvidas. As respostas desses exercícios consistiriam, na maioria das vezes, em cópias de alguns trechos específicos dos textos. Para Cerletti (2009) essas práticas podem consistir muitas vezes em saídas imediatas encontradas pelo professor para lidar com situações que fogem ao seu controle na sua sala de aula.

Acreditamos que práticas como esta reforçam para os alunos a ideia de uma inutilidade para a disciplina de filosofia, pois observamos que os alunos se preocupam com outras disciplinas. Por exemplo, não era incomum ver alunos com o livro de história fazendo atividades durante a aula de filosofia, ou optarem em trazer livros de outras disciplinas e não trazerem o livro de filosofia, impossibilitando muitos destes estudantes a fazer as atividades propostas pela professora, e passavam a aula conversando com os colegas.

O resultado das provas da primeira unidade foi uma prévia que acompanhamos já no terceiro dia de observação dessa desconexão entre os alunos e a disciplina de filosofia. Ao todo, treze alunos foram reprovados nessa unidade com médias que variavam entre 0,6 e 3,4, isso somando a nota da prova que valia quatro (4,0) pontos, mais atividades no caderno e outra do livro com uma música que somadas valiam seis (6,0) pontos. Ou seja, mesmo com atividades relativamente fáceis e muitas chances de obter notas eles não se animam com a disciplina e em cumprir as atividades propostas.

Joana diz que constantemente está pesquisando “porque eu sempre acho que não sei, sempre [...] estão surgindo coisas novas”, mas algumas coisas como a leitura, por exemplo, ela tem que cobrar dos estudantes de um modo que não lhe agrada, segundo ela: “Eles leem só na semana de prova, porque as questões da prova eu coloco todas relacionadas ao conteúdo do livro. Então é aquela coisa de forçar o aluno a ler mesmo. Tem determinadas práticas que mesmo sem gostar você tem que fazer na sala de aula”.

Por isso Joana diz não ter um método de ensino definido, segundo ela: “Você acaba recorrendo a vários métodos. Tem momentos que você tem que ser tradicional [...], se não for você não consegue dar aula”.

Isso ocorre, segundo Cerletti (2009), porque o “componente *real* do equipamento pedagógico que um professor dispõe para a sua prática é constituído, então, por aquele conjunto de teorias implícitas, valores e crenças pedagógicas que



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18  
outubro  
2019**

formam um *a priori* que não deve deixar de ser levado em conta” (p. 57).

Mas Joana diz entender que “o trabalho do professor é esse: ação e reflexão, o tempo todo assim”. E ela desabafa: “Eu não sei [...] se estou trabalhando da forma adequada. Em muitos momentos eu penso: “será que eu estou fazendo o meu trabalho da maneira adequada para esses alunos que eu tenho hoje em dia?”. Acreditamos que este questionamento que o docente faz é o que move a prática docente filosófica, que a torna sempre aberta e inacabada, sendo constituída o tempo todo por meio das diversas relações, das experiências, e da constante trans/formação em tornar-se professor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o filósofo Sócrates o diálogo tem-se constituído em um método bastante apropriado para educar e extrair do ser humano o que ele tem de melhor em termos de reflexão. Dialogando e se apropriando da tradição filosófica, portanto, o professor de filosofia pode atingir com essa prática além do o que objetiva os documentos oficiais.

Ficou claro durante a nossa investigação que a escassez de diálogo entre professora e estudantes criou sérios entraves no desenvolvimento de sua prática, isso se refletiu no desinteresse da classe com a disciplina. Se Joana trabalhasse a filosofia a partir de debates, roda de conversas melhoraria a empatia dos estudantes com a disciplina, retirando a filosofia da insignificância para um patamar de relevância.

Sabemos que isso se caracteriza em um grande desafio docente, pois os estudantes estão imersos em uma cultura que direciona suas necessidades espirituais para uma perspectiva tecnocrática, e nela não está incluída a reflexão filosófica. Mas o professor não pode ser indiferente a esta questão, ele deve assumir sua responsabilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prática Docente; Ensino de Filosofia; Ensino Médio; PIBID.

## REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 66, 2004, p. 305-320.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia: como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.